

1. Para onde você vai com tanta pressa, se o céu está em você?

O capítulo começa com a observação de como a nossa sociedade está sempre correndo, consumindo, como não paramos pra analisar aquilo que fazemos e compramos, como não aproveitamos essas mesmas coisas. A autora comenta que vivia nesse frenesi até ouvir a pergunta "Onde você vai com tanta pressa?".

A frase têm duas respostas Onde você vai com tanta pressa?:

- Não sabe que o inferno está em você.

- Não sabe que o cé está em você.

O céu, é o limite que conseguimos alcançar, é o fim do caminho.

E o inferno são todos os nossos medos, indiferenças,... .

Ambas as "respostas" estão dentro de você, fazem parte do seu ser.

No final do capítulo outra dinâmica é explícita pela frase, "Onde você vai com tanta pressa?"

2. Os sentidos entregam-nos o sentido.

Este capítulo fala que os sentidos que acontecem sempre tem relação a algo em nossa vida, como é o caso do Padre que quando era criança viu um velho judeu ortodoxo sendo espancado por jovens nazistas e nada fez pois sua mãe o retirou da cena, esse padre vive até hoje com a dúvida. Um outro exemplo dos sentidos é o caso da cartola de veludo, em que um velho em seu leito de morte, toca em uma cartola imaginária (espaço vazio), algo que ele realmente fez quando era criança, e como essa lembrança lhe trás paz.

3. A travessia da noite

O capítulo aborda observações, contornos dos sintomas dos chamados doentes mentais, em específico, a esquizofrenia, que desperta em seus portadores sensações de ser e não ser, ou dúvidas na divisão entre o mundo real e o imaginário criando abismos entre o "eu" e o mundo. Para o mundo contemporâneo de modo geral, apenas a realidade objetivável é considerada, provocando determinados choques para o imaginário coletivo trazendo como consequência o medo, o desespero (face oculta). A vida é um tear em que diversos fios se juntam pra formar nossa percepção do mundo e esses fios são parte daquilo que entendemos e mensuramos e parte daquilo que não compreendemos, e tendemos a renegar, mas sem eles os fios nunca se entrelaçariam.

4. O sentido da vida

O capítulo aborda de maneira geral o sentido da vida. De origem francesa esse termo filosófico possui campos semânticos distintos (sen e sensus) em que o sentido é entendido tanto como direção, como razão de ser. A denominação da vida e do sentido nela exposto se assemelha com o tempo aparecendo cada vez mais e ocupando quase ou todo o tempo no espaço da vida. O sentido da vida não é hereditário, e individualmente nos libertam do desejo da razão, nos restituindo a cada novo gesto, a cada nova atitude.

5. Os corpos condutores e 6. Fala me de amor

Ambos os capítulos falam sobre o amor. O que é o amor? Como amar? Quem ama? É um tema complexo mas que é realmente esclarecedor, a partir do ponto que vc nunca se questiona profundamente sobre o assunto.

Os capítulos dizem que o amor somente se abre aos que não tem medo de amar, aos que encaram suas dores de frente, amor é algo que junta o que não foi feito para se juntar.

Nos tempos atuais estamos perdendo o sentido da palavra real do amor, sendo assim somos levados a crer que ele deve estar se extinguindo, mas não, quem está se extinguindo disso somos nós, que deixamos nossa faculdade de amar, enquanto que o amor continuará sempre existindo, ou seja, estamos nos excluindo disso.

Muito se fala e pouco se vive desse tal amor. Esquecemos os olhares inocentes das crianças que refletem amor puro e do tipo inquestionável, nossa sociedade trabalha pra extirpar esse sentimento. Nos preocupamos muito com outras coisas que nos esquecemos de realmente amar, de sermos humanos, deixamos o material nos levar antes de tudo, até mesmo quando estamos em atos de caridade, não paramos para olhar nos olhos de quem ajudamos, as vezes estamos procurando por justiça e odiando os criminosos ao invés de termos compaixão.

7. História de Criança

O livro apresenta 2 tipos de crianças as são felizes sem saber o porque dessa felicidade mesmo passando por necessidades, e as que possuem tudo, o autor do livro menciona o esporte com uma forma de fazer essas crianças sair do marasmo, mas como toda competição sempre há um vencedor. O outro tipo de criança, o autor conta uma história de um professor americano que trabalhava com crianças que já possuíam tudo e foi para África trabalhar com crianças, logo ele programou uma competição de corrida e, como estava acostumado a trabalhar, o vencedor ganharia um saco de pipocas, as crianças no soar do apito deram as mãos e todos largaram e chegaram ao mesmo tempo.

8. Memória Viva

A Nossa memória contém lembranças da nossa vida do nosso passado daquilo que nós vivemos ouvimos, observamos, e quando nos deparamos com algumas situações a nossa memória automaticamente nos relembra de alguma coisa que aconteceu no nosso passado nos traz de volta emoções, lembranças que pareciam esquecidas mais que estão vivas nas nossas mentes.

9. Utopia

Precisamos nos desprender de nosso presente real, no real não podemos criar um sonho ou uma idéia para ser alcançada. Precisamos criar esta utopia interna, onde talvez nada do que pensamos tenha valor, mas "o importante não é que eu carregue a tocha até o fim, mas que eu não a deixe apagar-se".

10. O massacre dos inocentes

"o mundo exterior é apenas um reflexo do estado do mundo interior". Talvez nunca consigamos mudar o mundo, mas com toda a força de vontade e inocência interior, podemos mudar nós mesmos. Precisamos, de fato, voltar a ser crianças e lembrar-se da pureza de um sonho. Este sim é um sonho verdadeiro. Tornar nossas cabeças para a luz. "consertar o mundo em nós", é isso que mudará o mundo para nossos netos. O bom testemunho é essencial para constranger o próximo.

11. Aula de violino e 12. As duas irmãs

O corpo é como um violino, cada nota tocada continuará a ressoar na próxima. Assim como a vida todas as emoções e experiências coexistem em você. Uma nota não passa de um movimento de um arco sobre cordas, mas que com sua vibração muda percepções e mundos, onde está essa transposição do mundo físico para o emocional?

Está em você e na sua percepção do mundo.

Mas o corpo como um violino quebra quando não bem cuidado, pergunte ao violinista se ele despacha seu violino em trens ou aviões. Cuide de seu templo, seu corpo.

A morte ontologicamente é como o nascimento, inerente a vida e não seu oposto. A morte não é o mal absoluto para nos escondermos dela. E assim como a morte nos escondemos da vida também não prestamos mais atenção uns nos outros, não vemos as belezas, estamos ocupados correndo e ganhando. Disso surge uma pergunta irritante:

- A morte é necessária para que somente nela o valor da vida apareça?

No livro é relatado o caso de uma mulher que perdeu o marido, depois de dois anos de um casamento que não havia partilha somente silêncio. Somente com a morte do marido ela teve consciência do que já sabia.

Será que é hora de mudar nosso cotidiano?

A morte seria como a última nota de uma sonata, a vibração não, a nota já tocada ainda vibra. A morte, assim como a última nota de uma música são certas, não falha. Mas a última nota de um violino, seu violino, não passa da primeira nota de uma sonata de outro violino.

13. As Estações do corpo

De nosso nascimento a nossa morte, a vida é concebida como um caminho de iniciação, um ciclo de experiências sucessivas. A roda que vai dar seu giro completo está, em cada ponto, no local em que seu círculo de ferro toca o chão em seu ponto de partida. Cada instante, cada novo dia, cada novo livro, cada novo encontro é o começo.

A cada momento começamos no novo.

A progressão da melodia de uma existência, seu desenvolvimento irresistível, suas leis de composição, com, dentro das estruturas, a possibilidade de variações infinitas, uma combinatória sem limite, esta é a metáfora de uma existência.

A humanização ocorre quando se tira a máscara, quando ela amolece. Recusar-se a amadurecer

é, em suma, recusar-se a se tornar humano. Transformamo-nos então nessas concreções de pedra, nesses cálculos que bloqueiam nossos rins, que bloqueiam a passagem em direção ao fluxo do ser, nessas estátuas sem vida no limiar da velhice.

14. Um outro mundo é possível

"Continuamos a não ter consciência", escreve C. G. Jung, "de que cada um de nós é uma pedra da estrutura sociopolítica do universo e de que participamos de todos os conflitos.

Deixando de reagir diante de qualquer incitação, podemos de agora em diante nos colocar a serviço da vida. "A obrigação é o que nasce no coração do homem quando ele não reage mais, mas reconhece sua dívida" (Yvan Amar).